"DESIMAGINANDO" O MUNDO PELAS MARGENS DO "DESMUNDO": PENSANDO O ESPAÇO EM "DOBRAS" DA LITERATURA E DO CINEMA

"DE-IMAGINING" THE WORLD BY THE MARGINS OF "DE-WORLD": THINKING THE SPACE IN FOLDS OF THE LITERATURE AND CINEMA

"DESIMAGINANDO" EL MUNDO POR LAS IMÁGENES DEL "DESMUNDO": PENSANDO EL ESPACIO EN "DOBLAS" DE LA LITERATURA Y DEL CINEMA

JONES DARI GOETTERT

AGB DOURADOS
FCH-**UFGD**
jonesdari@ufgd.edu.br

Resumo: Um texto em margens e dobras. Partindo de narrativas e de imagens da Literatura e do Cinema (em especial dos livros "Livro de pré-coisas", "O deus das pequenas coisas" e "O último voo do flamingo", e dos filmes "Babel", "Caché" e "Terra vermelha"), procuramos "desimaginar" o Mundo "Maiusculinizado" do Modo de Produção Capitalista: sua Cultura, seu Tempo, seu Espaço e seu Corpo. Em contrapartida, misturamos margens e dobras de culturas, de tempos, de espaços e de gentes de "desmundos", em movimentos de palavras e de imagens, em escrituras elas mesmas em margens, em dobras. O movimento do movimento, porque, aqui, em um processo de dobrar, desdobrar e redobrar práticas e representações de mundos, começos e fins se misturam em meios que esperamos continuem, sempre, abertos, *dobráveis*.
Palavras-chave: Mundo; Espaço; Imagens; Representações; Dobras.

Abstract: A text in margins and folds. Starting from narratives and images from Literature and Cinema (especially from the books "Livro de pré-coisas", "O deus das pequenas coisas" and "O último voo do flamingo", and from the films "Babel", "Caché" and "Terra vermelha"), we tried to "de-imagine" the "Capital-Letter-Manned" World (*"Maiusculinizado" World*) from the Capitalist Production Mode: their culture, their time and their body. As a contrast, we mixed margins and folds as for culture, times, spaces and people from "de-worlds" in motion of words and images, in scriptures about themselves in margins, in folds. The movement of the movement since here in a process of folding, unfolding and refolding practices and representations of the worlds, beginnings and endings are mixed together by means of what we expect to continue always open, *foldable*.
Key words: World; Space; Images; Representations; Folds.

Resumen: Un texto en márgenes y doblas. Partiendo de narrativas y de imágenes de la Literatura y del Cinema (en especial de los libros "Livro de pré-coisas", "O deus das pequenas coisas" y "O último voo do flamingo", y de los filmes "Babel", "Caché" y "Terra vermelha"), buscamos "desimaginar" el Mundo "Maiusculinizado" del Modo de Producción Capitalista: su Cultura, su Tiempo, su Espacio y su Cuerpo. Por otro lado, mezclamos márgenes y doblas de culturas, de tiempos, de espacios y de personas de "desmundos" en movimientos de palabras y de imágenes, en escrituras ellas mismas en márgenes, en doblas. El movimiento del movimiento, porque, aquí, en un proceso de doblar, desdoblar y redoblar prácticas y representaciones de mundos, empiezos y fines se mezclan en medios que esperamos que sigan, siempre, abiertos, *plegables*.
Palabras-clave: Mundo; Espacio; Imágenes; Representaciones; Doblas.

Aspas não *se* fecham... Abrem.

Primeiras aspas

> Começar pelas palavras talvez não seja coisa vã.
> As relações entre os fenômenos deixam
> marcas no corpo da linguagem.
> (Alfredo Bosi)

O "[...] narrador não está de fato presente entre nós, em sua atualidade viva", "É que a experiência de que a arte de narrar está em vias de extinção", escreveu Walter Benjamin (1993 [anos 1930], p. 197) há já um bom tempo. Mas o narrador, de que fala Benjamin, teria desaparecido de qual Mundo? Do Mundo do Centro, daquele no qual a História Única tornou revogáveis todas as estórias não-História? Não teria sido possível "desmapear" aquele mesmo Mundo e "ruar" *sem destino*, como escreveria décadas depois Mia Couto (2005, p. 101 e 114), que, "Para afastar as más nuvens, sugeri que ruássemos por ali, desmapeados e sem destino", para "ir lá onde não sombra, nem mapa"?

"Deus está morto", escreveu Friedrich Nietzsche (1995 [1882...]) antes mesmo do fim do narrador, de Benjamin. Mas era, pensaria Nietzsche, porque o Deus daqueles séculos e até milênios todos ia anunciando que, para construir a Religião do Centro, a única alternativa era a crença nas Grandes Coisas e a ocultação da vida nas *coisas pequenas*? Não teria sido possível apenas que *um deus das pequenas coisas* "desgovernasse" aquela Metamorfose horrenda, que deixava as *gentes pequenas* com uma carcaça grande segurando três patinhas enfileiradas em cada lado ("Não há nada mais grotesco, pensou, "do que acordar cedo. O ser humano precisa dormir o suficiente" [Kafka, 2003, p. 9]), para, em seguida, ver reproduzir "Onde ancestrais pálidos com unhas dos pés duras e hálito cheirando a mapas amarelados sussurravam sussurros de papel. [...] Onde lagartos translúcidos viviam atrás de pinturas a óleo. [...] Onde sonhos eram capturados e ressonhados"? (Roy, 2008, p. 315).

Sem narrador e sem Deus, tudo virou economia, até o Homem: *homo economicus*, fazendo todo Espaço e todo Tempo à sua imagem e semelhança (Marx, 1975)... Mas não haveria sequer cacos de espaço e de tempo meio resistentes à *economia do homem*, nem que fosse, "perdão", no *oco do mundo*, lá de onde veio Bernardo? "Venho do oco do mundo. Vou para o oco do mundo. [...] Porque já desde nada, o grande luxo de Bernardo é ser ninguém. Por fora é um galalau. Por dentro não arredou de criança. É ser que não conhece ter. Tanto que inveja não se acopla nele" (Barros, 2007, p. 47-48).

Porque se a esperança virou ideologia, é necessário "desesperançar" o Mundo para fazer das dobras/margens desse mesmo Mundo os "desmundos" de tempos e *espaços de esperança* (cf. Harvey, 2004). "Desmundar" o Mundo pelas *margens* da linguagem, das imagens, das representações e das poesias da literatura e do cinema. Do "*moço*mbicano" Mia Couto (*seus vôos* [2005]). Do "deslimitado pantaneiro" Manoel de Barros (*suas pré-coisas* [2007]). Da "indiazinha indiana" Arundhati Roy (*suas pequenas coisas* [2008]). De "Babel", sua "polifonia dos espaços" (em aproximação a Guattari, 1992, p. 157) e dos tempos. De "Caché", suas "clarividências" e "ocultações". De "Terra vermelha", como de *a terra das gentes saíste e às gentes voltará*...[1]

Arrisco apenas, agora, anunciar o Encontro. E não dizer Adeus. Para que, assim como quiseram todas e todos acima, fique tudo meio aberto, entrecortado, como uma *dobra* para *redobrar*, *desdobrar*. Até porque, se *as aspas não* se *fecham*, *abrem*, então que este texto seja um grande "entreaspas". Sem limites, "deslimitado". E que possa ajudar a "desimaginar" o Mundo, a "desglobalizar" a Globalização... e a "dessonhar" o Sonho do Progresso e em seu lugar sonhar outros sonhos, outros espaços, outros tempos e outras gentes, para além dos Indivíduos que consomem, para além dos Sonhos de Consumo. Existo, logo sonho.

[1] No final do texto, em "Apêndice" e em referências, apontamos com maior precisão os três filmes e os três livros que "suleiam" este texto

"Desementar" a ementa[2]

Dizer o mundo é condição necessária para agir no mundo.

Digo. Ajo. Enuncio. Anuncio. Digo, logo existo. Ajo, logo mundo. *Log-in*. Plugo. Conecto. Estou na rede: existência ou "des-existência"? Usuário e senha. "Tem alguma coisa pra dá?" "Vc ta afim de sair hoje sim não eu to ou quer fazer sexo na rede :&". Mas, de qual mundo eu digo, tu diz, ele diz, nós dizemos, vós dizeis, eles dizem? Do mundo entre a grade de minha casa de um lado o guaranizinho e de outro, eu?[3] Ou o mundo *webgooglehotmailblogonlineonpagesite.com.mundo*? Respondo, no mundo primeiro: "Tem". Respondo, no mundo segundo: "Fui"... Que mundo?

Sim. *Diferentes formas de linguagens, representações e tecnologias revelam e ocultam dizeres sobre o mundo.* O Modo de Produção Capitalista produz e reproduz suas linguagens, representações e tecnologias. A linguagem do consumo: compro, logo existo. A representação da vida: nascimento sem passado, a existência no trabalho, a dignificação no futuro e o epitáfio derradeiro que ninguém mais tem tempo de ler: "Devia ter amado mais/ Ter chorado mais/Ter visto o sol nascer/Devia ter arriscado mais/E até errado mais/Ter feito o que eu queria fazer..." ("Titãs", 2005). A tecnologia do poder: cada pessoa é um "panóptico" (em aproximação a Foucault [1996; 2008]). Um indiozinho Guarani produz e reproduz suas linguagens, representações e tecnologias. A linguagem dos velhos: a língua guarani silenciada. A representação pelo outro: "meu cachorro sumiu, só pode ter sido levado pelos índios". A tecnologia da sobrevida: "o quilo de mandioca ta um e cinquenta".

Linguagens, representações e tecnologias que *dizem o mundo*. Ouvimo-las, quais? *Como são as linguagens, representações e tecnologias utilizadas/reinventadas para dizer o mundo a partir da vontade de resistir e reapresentar as diferenças que o modo único de pensar procura ocultar?* Mundo, mundos. Os vasos comunicantes entre-mundos, comunicam-se? Comunicam? Não comunicam? Ou seria o caso de pensar – e dizer – em processos de "descomunicação"? É preciso, pois, "descomunicar" o Comunicado Oficial do Mundo. É preciso uma "deslinguagem" para "desdizer" o Dito, "desrezar" a Oração Sagrada, "dessacralizar" as Liturgias Canônicas e "desdesfazer" os "mal-ditos" Civilizatórios. É preciso "desdizer" o Mundo Único "desrepresentando-o" através da representação dos mundos ocultados, escondidos, à margem/*às dobras* da temporalidade e da espacialidade lineares do Progresso *ad infinitum*. "Deslimitar" o Mundo. "Destecnologizar" os processos de morte em nome de tecnologias sociais "desracionalizantes"... "dessonhando" e re-sonhando o Mundo... em mundos.

Mas como "desdizer", imaginar ou representar os mundos com os dizeres, imaginações e representações do *nosso* Mundo? Talvez seja o momento de "desembrenhar" palavras, "descomer" frases, "descompor" poemas e "desengravidar" metáforas para "desdizer" o Mundo, pois, como ensinou Mia Couto (2005, p. 9), "o que passou só pode ser contado por palavras que ainda não nasceram", ao passo que, digo eu, tudo o que está por "desnascer" merece "despalavras" para nomear o "desnomeado", "desdizendo" o jeito único de dizer o Mundo.

Mia Couto (2005) "vocabolia", "instantania", "gentania", "bazarinha", "desfala", "labirintoa", "desirmana", "destece", "metafisica", "descapota", "descompara", "desmeretriza", "despoeira", "nhenhenha", "acachorra", "desfarrapa", "desmazela", "desilusiona", "desmunda", "desvive", "apequenina", "desacontece", "terreia", "tresandarilha", "remoreja", "desconsegue", "desilumina", "inautoriza", "varandeia", "irrequieta", "cabritrotea", "maldispunha", "desconsegue", "desdita", "pedinchora", "rua", "desmapeia", "desacrê", "si-

[2] Ementa para a mesa-redonda "Linguagens, Representações, Tecnologias e Resistência" (XVI ENG – Porto Alegra – 2010): "Dizer o mundo é condição necessária para agir no mundo. O que diferentes formas de linguagens, representações e tecnologias revelam e ocultam nos seus dizeres sobre o mundo? O que se quer dizer do mundo? Como são as linguagens, representações e tecnologias utilizadas/reinventadas para dizer o mundo a partir da vontade de resistir e reapresentar as diferenças que o modo único de pensar procura ocultar?"

[3] Como em praticamente todas as ruas da cidade de Dourados (MS), a cada dia, em quase todas as horas.

lhueta", "desminage", "indomestida", "descomporta", "devagarzita", "desnegocia", "redesiste", "desfinca", "urgenta", "despromove", "enduvida", "remoça"... Como "O último voo do flamingo", Mia Couto "desmia" e "descoita" palavras que "desnascem" para contar o "descontado" (, mas, curioso: o "descontado" de uma Geografia e de uma História reta, linear, fragmentada e hegemônica; ou o "descontado" do que ainda está para ser contado, e cantado?).

Seus sujeitos narrados são "desgraciosamente" "desnomeados", como a insistir que a obviedade do Colonialismo (do poder, do saber, da civilização, da pedagogia, da psicopatalogia, do espaço e do tempo) não passa disso mesmo, ou seja, a Colonização de tudo o que não for ainda Mundo para ser, também o que ainda não é, um Mundo à imagem e semelhança do Mundo de Deus, do Hemisfério do Alto, do Tempo do Capital, do Espaço Preso em Si Mesmo. Daí que a prostituta "só" pode ter o nome de Ana, mas não de uma Ana Sozinha – até porque é de companhia – e sim de uma "Ana Deusqueira" – como a ser querida por todos os homens, e sendo à imagem e semelhança do Deus do Mundo, também querida e desejada por Ele. Daí que o "pai" de Tizangara (de Moçambiques, de Áfricas, de Margens...) "só" pode ser, por ser do Sul, "Sulplício" – o suplício mais suplicante que o suplício mais suplicado: "Homens perdoai-lhe porque ele não sabe o que fez" (Saramago, 1991), quando Jesus suplica aos Homens para perdoarem Deus, Aquele que *não sabe o que fez*... E o velho rosto grudado em um jovem corpo "só" pode ser "Temporina", que guarda o tempo de antes marcado pelo tempo de agora, como a "desdizer" o tempo do porvir monolítico: para outro futuro é preciso "desprecisar" o passado, agora. E o Zeca, meio só, mas ainda feiticeiro das gentes pobres, é o "Zeca Andorinho": sem lugar e com todos os lugares ao mesmo tempo. Mas, "só", não faz verão...

Manoel de Barros (2007, p. 31 e 33) "transfaz" o Mundo, pelas margens do "desmundo", *na medida em que* "As coisas que acontecem aqui, acontecem paradas. Acontecem porque não foram movidas. Ou então, melhor dizendo: desacontecem" (*idem* a Mia Couto), "Porque a maneira de reduzir o isolado que somos dentro de nós mesmos, rodeados de distâncias e lembranças, é botando enchimento nas palavras. É botando apelidos, contando lorotas. É, enfim, através das vadias palavras, ir alargando os nossos limites". "Encher" as palavras para "deslimitar", como também ensinou Manoel: "transfazer", "insetar", "existidurar", "desorbitar", "desenxergar", "desnobrer", "descoisar", "deseducar", "desformar", "desuteizar", "desteorizar", "desescrever", "deventar", "lesmar", "despertencer", "descomer", "deslimpar" e "desgovernar", como o jeito de "desajuntar" os pedaços de um Mundo que se quer Único. Quando "Sente-se pois então que árvores, bichos e pessoas têm natureza assumida igual. O homem no longe, alongado quase, e suas referências vegetais, animais. Todos se fundem na mesma natureza intacta. Sem as químicas do civilizado. O velho quase-animismo" (Barros, 2007, p. 34).

A narrativa barrosiana fala de um mundo feito de "desmundos" vários, que vivem e morrem, vivendo e morrendo. Mas, cuidado quando as intenções se prestarem a ver coisas demais nas vidas e mortes feitas de *árvores, bichos* e *pessoas*: "(Acho que estou querendo ver coisas demais nestas garças. Insinuando contrastes – ou conciliações? – entre o puro e o impuro etc. etc. Não estarei impregnando de peste humana esses passarinhos? Que Deus os livre!)" (Barros, 2007, p. 94).

E de longe vem chegando Arundhati Roy (2008, p. 9 e 134), que com *suas pequenas coisas* leva/traz um rio que "encolhe, e corvos pretos se banqueteiam com belas mangas em árvores imóveis, verde-empoeiradas. [...] Varejeiras dissolutas zunem vagabundas no ar perfumado. [...] As noites são claras, impregnadas de preguiça e de calma expectativa". Para depois, no tempo da História *vinda de fora*, fazer do "mesmo" rio apenas aquele que leva *de lugar nenhum para lugar nenhum*: "Houve tempo em que tinha o poder de evocar medo. De mudar vidas. Mas agora seus dentes haviam sido arrancados, seu espírito exaurido. Era apenas uma fita verde viscosa que carregava lixo fétido para o mar. Sacos plásticos brilhantes voavam sobre a superfície cheia de algas, como flores subtropicais voadoras. [...] Os degraus de pedra que um dia levavam banhistas até a água, e Gente Pescadora à pesca, estavam inteiramente expostos e levavam de lugar nenhum para lugar nenhum"...

Também palavras de Arundhati Roy (2008) "desdevolvem", para o Mundo de *sacos*

plásticos brilhantes, mundos de pequenas coisas no qual algumas coisas podem ser ditas, e outras não: "doceenjoativo", "quefoisso? Oqueaconteceu?", "calaboca ou váprafora. Prafora ou Calaboca", "docepegajoso", "limãolimãodemais", "óleodecabelo", "paracáeparalá", "verdeondulante", "grossolíquida", "empelotada", "claroclaro", "laranjalimão", "coméseunome", "parecomissou", "desguardada", "A Cordada", "A Tenta", "A Lerta", "mundoestação", "resonhar", "plantabarco", "floresbarco", "frutasbarco", "mundobarco"... Prendendo-se às *pequenas coisas*.

Pequenas coisas que parecem nascer de pequenas gentes, em pequenos espaços – como o da barriga de uma mãe – e que vão se tornando *grandes* e "tornando" as gentes – agora grandes também – *bordas, fronteiras, divisas, margens* e *limites* como que moldadas por um torno que torna separado o que era junto...

> Naqueles primeiros anos amorfos, em que a memória tinha apenas começado, em que a vida era cheia de Começos e sem Fins, e Tudo era Para Sempre, Esthappen e Rahel pensavam em si mesmos juntos como Eu, e separadamente, individualmente, como Nós. Como se fossem uma rara espécie de gêmeos siameses, fisicamente separados, mas com identidades conjuntas. [...] Seja como for, ela [Rahel] agora pensa em Estha e Rahel como *Eles*, porque, separadamente, ambos não são mais o que *Eles* eram ou jamais pensaram que *Eles* seriam.
> Jamais.
> Suas vidas agora têm uma forma e uma dimensão. Estha tem a dele, e Rahel a dela.
> Bordas, Fronteiras, Divisas, Margens e Limites apareceram como um bando de gnomos em seus horizontes individuais. Criaturas baixas com sombras longas, patrulhando o Final Fora de Foco. Suaves meias-luas formaram-se debaixo dos olhos deles e têm a idade de Ammu [a mãe] quando morreu. Trinta e um.
> Nem velhos.
> Nem moços.
> Mas uma idade morrível viável.
> (Roy, 2008, p. 11)

Porque talvez, neste Mundo Moderno de costas para as suas próprias margens/*dobras*, seja mesmo preferível morrer nessa *idade morrível viável*, como fez a mãe de Chieko em "Babel", como fizeram as guaranis e o guarani *nem velhos nem moços* em "Terra Vermelha", e que *uma vez mais* fez Majid em "Caché". Todas e todos a perguntar: "vale a pena viver em um mundo só?" Elas e eles *optaram* "desviver", "desmundar"... Talvez para que eu, tu, ele, nós, vós e eles "desvivêssemos", "desmundando" o Moderno Mundo para "desmundar" a "desvida" no Mundo Moderno.

Para "desmundar" o Mundo.

Para "desculturar" a Cultura.

Para "desistorizar" a História.

Para "deslimitar" o Espaço.

E para "desimaginar" e "desmargear" gentes e espaços "invisíveis"...

"Ementando" e emendando mundos virados *aqui*, em um texto que se quer "desimaginado" e "desmargeado". *Dobrado*.

"Desmundando" o Mundo

> *– Vocês, homens, vem para casa.*
> *Nós somos a casa.*
> (Mia Couto)

Como assim, "desmundando" o Mundo?

Nossas imagens e representações sobre o Mundo, moldadas pela Modernidade, tendem, hegemonicamente, à projeção de um Mundo dividido e fragmentado, mas que, com o Processo Civilizador (cf. Elias [1993; 1994]), tender-se-ia a se ajuntar, "desdividir" e desfragmentar o que antes se fazia em pedaços, pelo poder tempo-espaço – hoje – da "globalização" (em aproximação a Massey [2007]) (e parece-me razoável pensar que nos últimos cinco séculos participamos de mais de um processo de globalização).

Como projeto civilizacional, ancorado sobre práticas e concepções que se foram gestando ao mesmo tempo em que nascia a Europa (e seus outros), fomos levados a crer

(matemática-física-filosófica-científica-racionalmente) na existência de uma "máquina-mundo" – ou de um "mundo-máquina" – guiada por forças naturais (físico-químico-biologicamente) arranjadoras de um movimento Perfeito e, portanto, de um Mundo à sua imagem e semelhança.

À concepção medieval do Mundo (universal, católica) foi contraposta uma concepção que se queria e se quer Moderna (igualmente universal, mas não necessariamente católica, mas antes um seu desdobramento: a "ética protestante"... e o "espírito do capitalismo" [cf. Weber, 2002]). Articulando monopólios territoriais, de tributação, da força, da política e da economia, a Modernidade também se projetou na monopolização de um seu jeito de pensar, conceber, compreender, sonhar e imaginar o Mundo pelo Homem *de si, em si* e *para si*.

> Uma das mais persistentes tendências da filosofia moderna desde Descartes, tem sido uma preocupação exclusiva com o ego, em oposição à alma ou à pessoa ou ao homem em geral, uma tentativa de reduzir todas as experiências, com o mundo e com outros seres humanos, a experiências entre o homem e si mesmo (Arendt, 2000, p. 266).

É esse Mundo da Modernidade que é preciso "desmundar", se "desocidentar" e se "desorientar".

"Desmundar" o Mundo Ocidental como vôos de flamingos com Mia Couto (2007, 49): "Habitamos assim: a vida a oriente, a morte a ocidente. A morte, a morte mais sua inexplicável utilidade! Minha mãe partira na curva da chuva, saindo a habitar a estrela de nenhumas pontas"...

O Mundo Moderno, saindo de uma Europa que germinava sob o Mercantilismo, a Colonização, a Evangelização e a Civilização, foi inventando a Si na mesma medida que em foi inventando o outro. Inventaram a América. Inventaram o índio... Dos outros "bárbaros" das margens dos monopólios centrais dos Estados em formação, na beirada do Atlântico europeu, outros "selvagens" ("bons" ou "maus", pouco importa) foram, a princípio, os outros sem almas, desalmados. Era preciso alma-los (e não amá-los, que logo observemos). E "almar" com uma alma só, porque se herege era a gente com alma maligna ou sem alma nenhuma, impossível seria, da mesma forma, aceitar a gente com duas almas ou mais. "Vantagem de um estranho é que confiamos essa mentira de termos uma só alma", segredou a si mesmo o narrador-tradutor de Tizangara, em *conversa* com o italiano detetive (Couto, 2005, p. 41 e 82).

Os outros, com o tempo e já pouco a ver com marcações das antigas, devem *se orientar*, o que também depois aprendemos que deve, mesmo, é *se nortear*. O caminho pautado pela Modernidade segue, assim, a "orientação ocidental" (!), pouco importando, já agora, de onde o sol nasce ou para onde ele se esconde (isso é coisa de flamingos do oriente, ou do sul... de um "Sulplício", como parece querer insistir Mia Couto).

> Ficamos ali horas trocando nadas, simplesmente adiando o tempo. Alongando o milagre de estarmos ali, na margem da floresta. Já entardecia, ela me avisou:
> - *Volte para a vila, há-de acontecer tantíssima coisa.*
> - *Antes de ir, mãe, me lembre a estória do flamingo.*
> - *Ah, essa estória está tão gasta.*
> - *Me conte, mãe, que é para a viagem. Me falta tanta viagem.*
> - *Então, senta, meu filho. Vou contar. Mas primeiro me prometa: nunca siga pelos carreiros onde seguiam aqueles homens que você espreitava há um bocadito.*
> - *Prometo.*
> Então, ela contou. Eu repetia palavra por palavra, decalcando sobre a voz cansada dela. Rezava: havia um lugar onde o tempo não tinha inventado a noite. Era sempre dia. Até que, certa vez, o flamingo disse:
> - *Hoje farei meu último voo!*
> As aves, desavisadas, murcharam. Tristes, contudo, não choraram. Tristeza de pássaro não inventou lágrima. Dizem: lágrima dos pássaros se guarda lá onde fica a chuva que nunca cai. Ao aviso do flamingo, todas as aves se juntaram. Haveria uma assembleia para se conversar o assunto. Enquanto o flamingo não chegava, se escutavam os pios em rodopios. Se acreditava em tais ditos? Podia-se e não. Fosse ou não fosse, todos se demandavam:
> - *Mas vai voar para onde?*

> - *Para um sítio onde não há nenhum lugar.*
> O pernalta, enfim, chegou e explicou – que havia dois céus, um de cá, voável, e um outro, o céu das estrelas, inviável para voação. Ele queria passar essa fronteira.
> - *Porquê essa viagem tão sem regresso?*
> O flamingo desvalorizava seu feito:
> - *Ora, aquilo é longe, mas não é distante.*
> Depois ele foi internando-se nas árvores sombrosas do mangal. Demorou. Só apareceu quando a paciência dos outros já envelhecia. Os bichos de asa se concentraram na clareira do pântano. E todos olharam o flamingo como se descobrissem, apenas então, a sua total beleza. Vinha altivo, todo por cima da sua altura. Os outros, em fila, se despediam. Um ainda pediu que ele desfizesse o anúncio.
> - *Por favor, não vá!*
> - *Tenho que ir!*
> A avestruz se interpôs e lhe disse:
> - *Veja, eu, que nunca voei, carrego as asas como duas saudades. E, no entanto, só piso felicidades.*
> - *Não posso, me cansei de viver num só corpo.*
> E falou. Queria ir lá onde não há sombra, nem mapa. Lá onde tudo é luz. Mas nunca chega a ser dia. Nesse outro mundo ele iria dormir, dormir como um deserto, esquecer que sabia voar, ignorar a arte de pousar sobre a terra.
> - *Não quero pousar mais. Só repousar.*
> E olhou para cima. O céu parecia baixo, rasteiro. O azul desse céu era tão imenso que se vertia líquido, nos olhos dos bichos.
> Então, o flamingo se lançou, arco e flecha se crisparam em seu corpo. E ei-lo, eleito, elegante, se despindo do peso. Assim, visto em voo, dir-se-ia que o céu se vertebrara e a nuvem, adiante, não era senão alma de passarinho. Dir-se-ia mais: que era a própria luz que voava. E o pássaro ia desfolhando, asa em asa, as transparentes páginas do céu. Mais um bater de plumas e, de repente, a todos pareceu que o horizonte se vermelhava. Transitava de azul para tons escuros, roxos e liliáceos. Tudo se passando como se um incêndio. Nascia, assim, o primeiro poente. Quando o flamingo se extinguiu, a noite se estreou naquela terra.
> Era o ponto final. No escurecer, a voz de minha mãe se desvaneceu. Olhei o poente e via as aves carregando o sol, empurrando o dia para outros aléns.
> Aquela era minha última noite desse retiro nos matos. Manhã seguinte eu já entrava na vila, como quem regressa a seu próprio corpo depois do sono.
> (Couto, 2005, p. 113-115)

Orientação Cristã, Ocidental, Civilizacional e Moderna... *Vê se te orienta, menino...* A centralidade cartesiana *orienta* o Mundo e "desorienta" tudo o que não for gravidade, relatividade e caos ordenados. Impossível, então, imaginar *aves carregando o sol*.

Em "Terra vermelha", a *orientação* de que a terra Branca deve ser/estar orientada para "Produção Sim, Demarcação Não"[4].

Em "Babel", a *orientação* definidora dos lados *de cá* e *de lá* para Amélia, a mexicana que *insiste* em sair de seu (devido) lugar para *ameaçar* o Mundo Branco "não mestiço" do lado *de lá*.

Em "Caché", a *orientação* desde criança para que Majid, o argelino "inoportuno" na França fundadora da "Liberdade, Igualdade e Fraternidade", permaneça eternamente *oculto* ou *escondido*, porque sua presença *desorienta* o centro certinho do Branco Georges, crítico literário de uma literatura que permite o outro apenas como forma de letra em "alfa*e*beta" de *abcdefghijklmnopqrstuvwxyz*, desde que não escreva nem por linhas retas e muito menos por linhas tortas.

Em "O deus das pequenas coisas", a *orientação* transmitida por uma antena parabólica.

> [...] um novo amor. Baby Kochamma instalara uma antena parabólica no telhado da Casa Ayemenem. De sua saleta, ela dominava o Mundo pela TV via satélite. A impossível excitação que isso engendrou em Baby Kochamma não era difícil de entender. Não foi algo que aconteceu aos poucos. Aconteceu do dia para a noite. Loiras, guerras, fomes, futebol, sexo, música, golpes de Estado, tudo chegava no mesmo trem. E em Ayemenem, onde antes o som mais alto que se

[4] *Slogan* que tem aparecido com certa frequencia em faixas em frente de casas de bairros nobres e em adesivos de camionetas novas, em Dourados, em protesto do agronegócio contra os processos de identificação e demarcação de terras indígenas em Mato Grosso do Sul.

> ouvia era a buzina musical de um ônibus, agora guerras inteiras, fomes, massacres, pitorescos e Bill Clinton podiam ser convocados como se fossem criados. E assim, enquanto seu jardim ornamental murchava e morria, Baby Kochamma acompanhava os jogos da liga NBA norte-americana, partidas de críquete de dia inteiro e todos os torneios do Grand Slam. Nos dias de semana, ela assistia *The bold and the beautiful* e *Santa Barbara*, onde loiras quebradiças de batom e penteados duros de laquê seduziam andróides e defendiam seus impérios sexuais. Baby Kochamma adorava suas roupas brilhantes e os diálogos espertos e perversos. Durante o dia, trechos desconexos voltavam-lhe à mente e ela ria (Roy, 2008, p. 35).

Em "O último voo dos flamingos", a *orientação* para que aquele povo mítico de Tizangara acredite "no poder de o trabalho criar futuro", de que a estória de "amor pelos vivos" e de "respeito pelos mortos" não passe de pretexto para a negação do Progresso, pois o importante é ocupar tudo, desde a "puta" Ana Deusqueira à toda a gente *tizangarana*: "O que fizeram esses brancos foi ocuparem-nos. Não foi só a terra: ocuparam-nos a nós, acamparam no meio de nossas cabeças. Somos madeira que apanhou chuva. Agora não acendemos nem damos sombra. Temos que secar à luz de um sol que ainda não há. Esse sol só pode nascer dentro de nós" (Couto, 2005, p. 154). Daí, a *orientação* sempre dada, pela "Razão de Estado" (em aproximação a Foucault [2008]), pelo "sol físico", redondo e da mais intensa claridade: o Iluminismo nos guiando e orientando para a Razão, para a Luz (nada de sombras, já advertiam Sócrates, Glauco e Platão... e Deus).

Em "Livro de pré-coisas", a (des)*orientação* para que o menino deixe de ver "bunda" onde *só existe* um morro: "- Aquele morro bem que entorta a bunda da paisagem – o menino falou", ao mesmo instante em que também devem se (des)*orientar* as gentes a inibirem-se de imaginar que "Os homens deste lugar são uma continuação das águas" (Barros, 2007, p. 13). *Que arrebentação, achar que homens são águas e que águas são homens. E achar, do mesmo jeito, que* "a terra é um ser: carece de família, desse tear de entrexistências a que chamamos ternura" (Mia Couto, p. 110).

Porque, *afinal de contas*, o Modo de Produção Capitalista (como a própria Modernidade) é também um modo de pensar, imaginar, sonhar, dançar, andar, viver, comer, sorrir, desejar... em um *modo de subjetivação capitalístico* (em aproximação a Guattari & Rolnik, 2005).

"Desmundar" o Mundo é "desmargeá-lo" de sua "Maiusculinidade" e fazê-lo mundos em outros encontros possíveis, outras imaginações, outras gentes, outros sonhos. E demos ouvidos a Ana Deusqueira (em Couto, 2005, p. 173): "*Não me basta um sonho. Eu quero ser um sonho*".

"Desculturar" a Cultura

> Quando meus olhos estão sujos da civilização...
> (Manoel de Barros)

É curioso como, conjuntamente à Modernidade e talvez ainda mais junto ao "meio técnico-científico-informacional" (cf. Milton Santos, 2004), tenhamos feito de Cultura a oposição à Natureza, a tudo o que é *natural*. "Cultura-me", logo existirei. A linha da Modernidade carrega em seus extremos a Barbárie, em sua parte *inferior*, e a Civilização, em sua parte *superior*. De um lado ainda o folclore, as lendas, os mitos, o artesanato e os cocares; e, de outro, Van Gogh, Picasso, Mozart, Fellini, von Trier, Niemeyer... e Bill Gates. Quanto mais "aculturados", mais próximos estamos do Mundo Abstrato e menos carregados do Mundo da Natureza.

Frantz Fanon (2008 [1952]) já denunciava, em meados do século passado, que o nosso estado atual de Cultura "desculturaliza" o outro ao passo que "desnaturaliza" o Branco: "Ter a fobia do preto é ter medo do biológico. Pois o preto não passa do biológico. É um animal. Vive nu. E só Deus sabe..." (p. 143).

> A civilização européia, no seio do que Jung chama de inconsciente coletivo, caracteriza-se pela presença de um arquétipo: expressão dos maus instintos, do lado obscuro inerente a qualquer ego, do selvagem não civilizado, do preto adormecido em cada branco. [...] O preto infalivel-

> mente permanece no seu canto. Na Europa, o preto tem uma função: representar os sentimentos inferiores, as más tendências, o lado obscuro da alma. No inconsciente coletivo do *homo occidentalis*, o preto, ou melhor, a cor negra, simboliza o mal, o pecado, a miséria, a morte, a guerra, a fome. Todas as aves de rapina são negras (Fanon, 2008, p. 159 e 161).

E *aves de rapina*, como qualquer ser unicamente instintivo, é "aculturado", *sem cultura*. Criamos – e inventamos e imaginamos, nos termos de Said (2007), Hobsbawm (1997) e Anderson (2008) – o *nosso* outro. Se a Cultura é *nossa*, ela não pode pertencer a mais ninguém. Ao *homo occidentalis*, cabe a missão de *orientar*.

> [...] É [o Orientalismo – a invenção do Oriente pelo Ocidente] a *distribuição* de consciência geopolítica em textos estéticos, eruditos, econômicos, sociológicos, históricos e filológicos; é a *elaboração* não só de uma distinção geográfica básica (o mundo é composto de duas metades desiguais, o Oriente e o Ocidente), mas também de toda uma série de "interesses" que, por meios como a descoberta erudita, a reconstrução filológica, a análise psicológica, a descrição paisagística e sociológica, o Orientalismo não só cria, mas igualmente mantém; *é*, mais do que expressa, uma certa *vontade* ou *intenção* de compreender, em alguns casos controlar, manipular e até incorporar o que é um mundo manifestadamente diferente (ou alternativo e novo); é sobretudo um discurso que não está absolutamente em relação correspondente direta com o poder político ao natural, mas antes é produzido e existe num intercâmbio desigual com vários tipos de poder, modelado em certa medida pelo intercâmbio com o poder político... [...] Na verdade, o meu argumento real é que o Orientalismo é – e não apenas representa – uma dimensão considerável da moderna cultura político-intelectual e, como tal, tem menos a ver com o Oriente do que com o "nosso" mundo. [...] Se isso estimular uma nova maneira de lidar com o Oriente, na verdade, se eliminar completamente o "Oriente" e o "Ocidente", teremos avançado um pouco no processo do que Raymond Williams chamou de "desaprender" o "modo dominador inerente" (Said, 2007, 40-41 e 60).

"Desaprender" a Cultura. Apreender as culturas... O que não parece fácil.

> Ao que parece, quase todos os grupos humanos tendem a perceber determinados outros grupos como pessoas de menor valor do que eles mesmos. O grau de estigmatização pode variar de um caso para o outro, e as ações que devem tornar claro para o grupo outsider o fato de seus membros serem um objeto de maior desprezo podem ser ruidosas e bárbaras, ou aparecerem em uma tonalidade mais amena. Seja como for, relações estabelecidos-outsiders têm sempre algo em comum (Elias & Scotson, 2000, p. 199).

A Cultura Moderna é, como muitas outras, uma cultura das dicotomias, das ambivalências, das dualidades, dos maniqueísmos e dos jogos de oposições. Eu/Outro. Nós/Eles. Branco/Negro. Branco/Índio. Ocidente/Oriente. Passado/Futuro. Perto/Longe. Erudito/Popular. Homem/Mulher. Belo/Feio. Dentro/Fora. Moderno/Arcaico. Novo/Velho. Adulto/Criança. Evolução/Atraso. Civilização/Barbárie. Sociedade/Natureza. Homem/Meio. Humano/Físico. Puro/Impuro. Cultural/Natural...

Por vezes, como aqui, é então preciso recorrer a certa *etimologia* e *epistemologia do pertencimento*. Delas, passamos a saber que *cultura*, *culto* e *colonização* derivam todos do verbo latino *colo*: *eu moro, eu ocupo a terra* (Bosi, 1999, p. 11). Porém, qual é a *condição* Moderna do *eu moro, eu ocupo a terra*?

Condição, que *condição*?

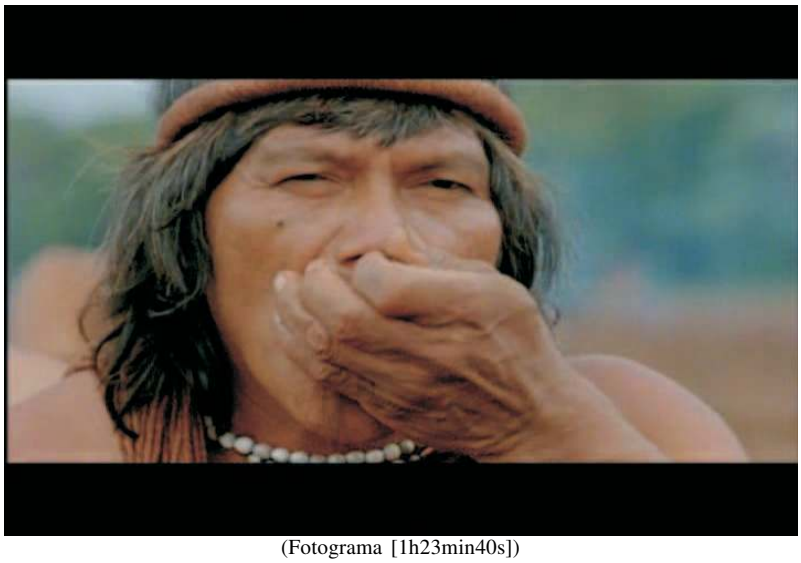
> *Condição* toca em modos ou estilos de viver e sobreviver. [...] *Condição* traz em si as múltiplas formas concretas da existência interpessoal e subjetiva, a memória e o sonho, as marcas do cotidiano no coração e na mente, o modo de nascer, de comer, de morar, de dormir, de amar, de chorar, de rezar, de cantar, de morrer e ser sepultado (Bosi, 1999, p. 26-27).

O Modo de Produção Capitalista é *apenas* um modo de como *as marcas do cotidiano no coração e na mente* se fazem. Nascemos e morremos de um modo: "do pó viestes e ao pó voltarás", ou, se quisermos, *da terra viestes e à terra voltarás*...

Não, talvez não!

Invertamos a *condição*: *a terra, das gentes saíste e às gentes voltará*.

"Terra Vermelha"



(Fotograma [1h23min40s])

Em "Terra Vermelha", o cacique Nádio come a terra, menos para *fazer-se* terra, mais para "desrefazer" a terra, Guarani. A terra, por isso, não pode ter dono, apenas *colo*. Não porque é *mãe*, mas porque é *embalada* na memória e nas práticas das gentes que nela deixaram os seus mortos. "*Cultus* é sinal de que a sociedade que produziu o seu alimento já tem memória. [...] O morto é, a um só tempo, o outro absoluto fechado no seu silêncio imutável, posto fora da luta econômica, e aquela imagem familiar que ronda a casa dos vivos: chamada, poderá dar o consolo bem-vindo nas agruras do presente" (Bosi, 1999, p. 13 e 19).

"*Do pó ao pó ao pó ao pó ao pó*" (Roy, 2008, p. 15). Porque, no mesmo embalo, mais que a terra *fazer* as gentes, são as *gentes* que fazem a terra. Porque se *nos fazemos*, *fazemos o mundo todo à nossa imagem e semelhança*.

Em "Caché", a terra de Majid é seu sangue. E o sangue se fez Majid. Oculto e ocultado, sua *terra* não tinha lugar no Mundo Francês da "Igualdade, Liberdade e Fraternidade". Era "preciso" morrer, fazendo da terra estrangeira, sangue, *terra* Majid.

"Cachê"

(Majid, *um* outro, morrendo)



(http://www.cinephileonline.com/... [acessado em 24/05/2010])

"Por isso às vezes sei que necessito/Teu colo,/teu colo,/eternamente teu colo" (Pablo

Minanés & Chico Buarque, 1983). O direito ao *colo*. O direito à terra... Do *colo* e da terra que cada gente faz como seu, como sua. A terra fazendo-se *colo*. A terra sendo feita *gente*.

Daí as *margens* do *colo*, da terra e das gentes. Nas margens/*dobras* do "desmundo", bolhas saltam, sóis explodem... Que as bolhas explodem e que os sóis brilham já sabemos, mesmo assim temos que continuar insistindo na "desculturação" da Cultura, para que, em vez de uma Maiúscula Única, possamos fazer da terra *colos* minúsculos multiplicados, não para *crescer e multiplicar*, mas para *multiplicar crescendo* os *colos* da terra, que são gentes, que são terra.

> Cada cultura prolifera em suas margens. Produzem-se irrupções, que designamos como "criações" relativamente a estagnações. Bolhas saltando do pântano, milhares de sóis explodindo e se apagando na superfície da sociedade. No imaginário oficial, elas figuram como exceções ou marginalismos (Certeau, 1995, p. 242).

É preciso, então, e novamente, "desmargear" e "desmarginalizar". O *imaginário oficial* é apenas *um*, e não *o*. E por que como aceitamos, assim simplesmente, a "servidão voluntária" (cf. La Boétia, 1982) se diante de *um* somos mil, milhões?

5 – "Desistorizar" o Tempo

> Os dentes novos de Rahel estavam esperando dentro de suas gengivas,
> como palavras dentro de uma caneta.
> (Arundhati Roy)
>
> – *E eu não sei viver no seu mundo?*
> – *Não, não sabe.* [...]
> – *Sabe o que devia fazer? Contar a sua estória. Nós esperamos que vocês, brancos, nos contem vossas estórias.*
> – *Uma estória? Eu não sei nenhuma estória.*
> – *Sabe, tem que saber. Até os mortos sabem. Contam estórias pelas bocas dos vivos.*
> (Couto, 2005, p. 105 e 106)

Um Mundo Único *só* pode inventar uma História Única. Tudo o *resto* virou lenda, mito, miragem, fantasia, misticismo, estória. A História Maiúscula define o caminho entre a origem a o destino. A Idade Moderna rompe com a Idade das Trevas do medievo. Deus dá lugar ao Homem. O Teocentrismo cede ao Antropocentrismo. A Razão rouba a História assentada nas crenças ao eleger o Fato como definidor da Verdade. Fonte, logo existo. A Verdade Matemática. A Verdade Moderna. A Moderna Verdade.

A Verdade Moderna criou o seu Tempo. Todos os outros tempos são avassalados (porque *vassalos*) pelo Tempo do Mercado. Historicizado, o Tempo Moderno vira História Moderna e depois História de Cada Habitante da Terra, a História Contemporânea. Mas também, como Modernos que *somos*, criamos o passado de antes da Modernidade: da Pré-História passando pela História Antiga e pela História Medieval. Inventamos o *nosso* Passado (assim, com Maiúscula): se nem Tudo é *pré*, pelo menos Tudo é *antes*, *antigo*, *do meio* e nunca junto de Nós, pois no *meio* está o medievo. Não que o Moderno se inicie necessariamente com a História Moderna, mas que a História Moderna fora imprescindível para a produção do Moderno, suas relações, suas coisas, sua Gente, sua Razão. É nisso que *Cremos*.

A questão central aqui é, então, quando a História Moderna toma para si a História do Mundo e a faz, outra vez, *à sua imagem e semelhança*. Uma História e um Mundo que definem os seus processos: Evolução, Progresso, Desenvolvimento, Modernização... Fora deles, a aceitação das possibilidades de narrativas outras é subjugada à "folclorização" do desencaixado.

Assim se resume o tempo sob o capitalismo, segundo Nicos Poulantzas (1990, p. 126, 129 e 131):

> O maquinismo e a grande indústria, o trabalho em série implicam um tempo *segmentado, serial, dividido em momentos iguais, cumulativo e irreversível pois orientado para o produto* e, através dele, para a reprodução ampliada, a acumulação do capital: em suma, um processo de produção e de reprodução que tem uma orientação e uma finalidade, mas não tem fim. Um tempo mensurável e estritamente controlável pelos relógios, cronômetros dos contra-mestres, pelos relógios de ponto e calendários precisos. Tempo que, aqui também, estabelece, por sua unificação e sua universalização: dominar o tempo ao relacionar as temporalidades múltiplas como uma medida homogênea e única, que não reduz as temporalidades singulares (tempo operário e tempo burguês, tempo do econômico, do social, do político) salvo se codifica seus intervalos. Mas cada temporalidade traduz as características de uma mesma matriz: e mais ainda (e é isso que escapa a inúmeros autores que insistem na "universalização" do tempo capitalista), é esta matriz temporal que estabelece, pela primeira vez, *as temporalidades singulares como temporalidades diferenciais*, ou seja como variações de ritmo e de escansão de um tempo serial, segmentado, irreversível e cumulativo. Tempo cujos momentos se encadeiam e se sucedem, se totalizam num resultado, sendo o presente uma transição do antes para o depois. A historicidade moderna é assim de tipo evolutivo e progressivo, a de um tempo que transcorre na medida em que ele se percorre, cada momento produzindo o outro no sentido irreversível, num encadeamento de acontecimentos voltados para um futuro sempre renovado. [...]
>
> O Estado moderno materializa igualmente essa matriz na adaptação dos sujeitos sobre os quais seu poder se exerce e nas técnicas de exercício de poder, notadamente nos procedimentos de individualização do povo-nação. [...] A formação social capitalista, o Estado-nação, é também um processo homogeineizado pelo Estado. [...]
>
> Dominar e unificar o tempo ao constituí-lo como instrumento de poder, totalizar as historicidades ao apagar as diferenças, serializar e segmentar os momentos para orienta-los e reuni-los, dessacralizar a história para englobá-la, homogeneizar o povo-nação ao forjar e ao apagar seus próprios passados: as premissas do totalitarismo moderno existem na matriz temporal inscrita no Estado moderno, já implicada pelas relações de produção e pela divisão social capitalista do trabalho.

O Tempo é *o tempo do produto*, *da mercadoria*, *ilimitadamente*, *sem fim*. Produção, distribuição, circulação e consumo. Consumido, *tudo volta outra vez*, para uma *nova volta*, na *linearidade-circular da vida*.

O Tempo Moderno é, quando muito, fragmentado nos Tempos dos Estado-nações, não porque são estes que dominam aquele, mas porque aquele define o *ritmo* destes:

> [...] os economistas liberais não podiam operar sem o conceito de "economia nacional", pois era fato inegável que havia o Estado com o monopólio da moeda, com finanças públicas e atividades fiscais, além da função de garantir a segurança da propriedade privada e dos contratos econômicos, e do controle do aparato militar de repressão às classes populares. Os economistas liberais afirmavam por isso que a "riqueza das nações" dependia de estarem elas sob governos regulares e que a fragmentação nacional, ou os Estados nacionais, era favorável à competitividade econômica e ao progresso. [...] o desenvolvimento da nação era o ponto final de um processo de evolução, que começava na família e terminava no Estado. A esse processo deu-se o nome de progresso (Chaui, 2000, p. 17-18).

Fora da Ordem das Nações, tudo e todos são desordem.

Fora da Ordem do Progresso, tudo e todos são aniquilados pela oposição Estabelecidos/Outsiders.

"BABEL"

(fronteira México-Estados Unidos)



(Fotograma [0h32min31s])

A História do Mundo como a História dos Estado-nações.

A fragmentação temporal-espacial de um Mundo que *se repete* para o destino teleologicamente definido, o Progresso, em primeiro Metrópoles e Colônias, *depois* Dependentes e Independentes, Países de Primeiro, Segundo e Terceiro Mundo, Países Desenvolvidos e Subdesenvolvidos, Países Desenvolvidos e Em Desenvolvimento, "Emergidos", Emergentes... e "Imergidos". A Ordem. Para *aquém* ou *além* das contradições Capital/Trabalho, todas as estórias e *causos* foram subsumidos à História Única, apenas multiplicadas em suas versões correlatas, Nacionais, mas, sempre, Únicas.

O início do Brasil foi a Descoberta em 1500.

O início dos Estados Unidos foi a Migração e Colonização das Colônias do Nordeste, coroados com a Independência em 1776.

A Inglaterra Gloriosa em 1688.

A França Revolucionária em 1789.

A Alemanha Unificada em 1971.

A Itália, *idem*.

E etc...

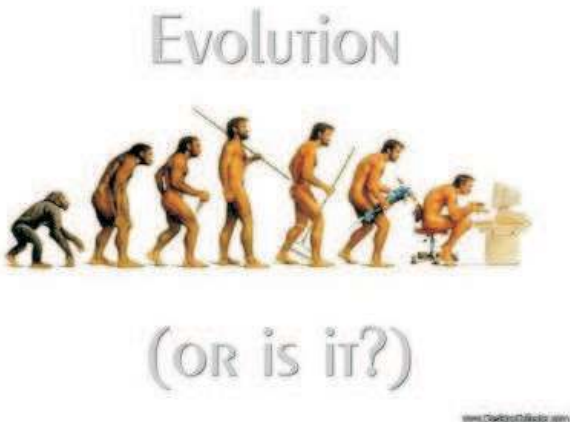
Assim, a Ordem das Nações é a Ordem do Mundo, distribuída em História Mundial feita de Histórias do Brasil, dos Estados Unidos, da Inglaterra, da França, da Alemanha, da Itália etc...

No Brasil, o Tempo Histórico é aquele do processo de Miscigenação das Três Raças: Branca, Negra e Índia. Os tempos todos, dos imigrantes portugueses aos imigrantes chineses e senegaleses, dos bantos aos Guarani e Ashaninka, todos se *inserem* Naquela de letras Maiúscula, *a* História. Em desdobramento, todos os tempos são *enquadrados* no Quadro Geral da História, que *começa* com o Mundo da Natureza e *termina* com o Mundo do Progresso. O presente é apenas o tempo magicamente *neutro* que une as duas pontas da História. Historicismo e Futurismo, mediados pelo Presentismo, definem *o* caminho sem volta. Brasil: o País do Futuro.

Assim, o passado não interessa (que o digam os velhos e moribundos). O presente não pode parar. E o futuro é o ponto sempre de chegada. A trajetória definida *a priori* e

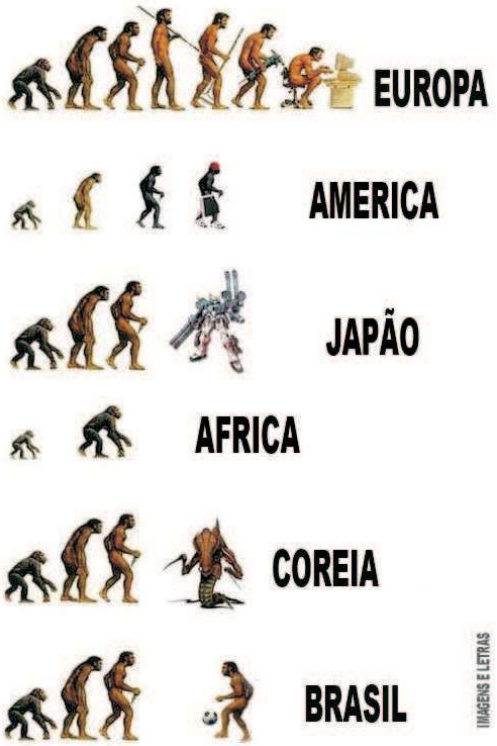
nada mais sendo necessário para o Progresso, *que não deve parar*. "Todas as estórias de progresso unilinear, modernização, desenvolvimento, a sequência de modos de produção... representavam essa operação[:] A Europa Ocidental é "avançada", outras partes do mundo encontram-se "um pouco atrás" (Massey, 2008, p. 107).

A Evolução, o Progresso, o Desenvolvimento e a Modernização transcendem a História e se alojam como Trajetória do Homem Inteiro, do *início* ao *fim* do Mundo.



(opinioesdetodoseasminhas.blogspot.com/2009... (acessado em 10/04/2010)

Uma Humanidade Inteira que cabe dentro dos Continentes e Países, igualmente Inteiros.



(doidagenteboa.wordpress.com/2010/03/15/evolucao/ (acessado em 10/04/2010)

O Mundo Evolui, Progride, se Desenvolve e se Moderniza em uma Linearidade basilar da qual todas as outras linearidade se desdobram...

Porém, é preciso "desorientar" o Mundo, "desistoricizando" o tempo, desordenando "[...] assim o tempo da linha ou a linha do tempo" (Derrida, 2004, p. viii). Talvez devêssemos "desdesenvolver", como acentuou Ruy Moreira (2006), "De volta ao futuro": "deslinear" o tempo *puxando* os clássicos do passado para seguirmos o futuro: *o devir começa lá trás*...

Mas também mulheres e homens, índios e negros, nas margens/*dobras* do Tempo da História do Mundo e do Brasil, *voltam para o futuro* ao "deslinear" a linha do tempo quando reivindicam a identificação, a demarcação e o reconhecimento de suas terras *a partir* do passado. Para comunidades índias e negras, o futuro depende das memórias, das estórias e das práticas imemoriais cravados no passado. O futuro *passa* pelo passado, que *passa* pelo presente. Não pode haver, para índios e negros, futuro que não seja ele mesmo a *parabólica temporal* que "dialetiza" tempos e *se sintetize* em seus territórios. Territórios Indígenas e Territórios Quilombolas (como processos de "dissemiNação", nos termos de Homi K. Bhabha [1998]).

Tempos *temperando* espaços e espaços *temperando* tempos. De todos eles – tempos e espaços – outras trajetórias se fazem para além da linearidade sempre Certa, sempre Iluminista, sempre Moderna, sempre Linha e sempre a Ordem *passadopresentefuturo*.

"Desistoricizar" o tempo para "desimaginar" o Mundo e sua sempre Trajetória Única.

"Desimaginar" a Trajetória Única e imaginar outras, muitas outras trajetórias...

Da linearidade do tempo para a dialética e "fenomenologia do redondo" (Bachelard, 2000, p. 235)... *O ser é redondo, é uma bola, por isso ciranda*.

Ciranda



José Pancetti (1941)
(29fragmentos.blogspot.com/ [acessado em 12/04/2010])

Da História do Mundo para "o espaço como uma simultaneidade de estórias-até-agora" (Massey, 2008, p. 29). Em *canto*, encanto e em "c(h)oro"...

Chorinho



Candido Portinari (1942)

(schetini.wordpress.com/.../18/sambinha-chorado/... [acessado em 12/04/2010])

Imaginando outras trajetórias, talvez possamos *sentar* e contar nossas outras estórias.

Mas *eu não sei nenhuma estória*.

– *Sabe, tem que saber. Até os mortos sabem. Contam estórias pelas bocas dos vivos. ... De volta ao futuro...* A *passagem* pelo passado.

"Deslimitar" o espaço

O Espaço Moderno é uma "reinvenção", nos termos de Douglas Santos (2002, p. 185-186).

> Num lento (para os parâmetros de hoje) mas seguro processo de exclusão/inclusão, ampliam-se as fronteiras do cristianismo, das línguas européias, dos estados nacionais, da propriedade privada, do novo ritmo de trabalho: do ponto de vista da dimensão espacial, esses movimentos estruturais são o que efetivamente poderíamos chamar de globalização. É uma nova geografia que se constitui, tanto do ponto de vista do entendimento do significado da planetaridade quando da própria prática dos percursos e estabelecimentos (os fluxos e os fixos de Milton Santos?) dos processos de produção, circulação e gestão.

E "fez-se" o "espaço métrico" (cf. D. Santos, 2002, p. 30).

A medição do tempo correspondeu à medição do espaço. Mas como espaço é produção e reprodução, mais que a medição do espaço (pois como o tempo não é *apriorístico*, mas relações e processos) é a *medida* das relações humanas – *as gentes são a medida de todas as coisas*. A Terra metrificada em coordenadas de meridianos e paralelos, de longitudes e latitudes, de linhas, retas e pontos, em *x*, *y* e *z*, é a própria e necessária medição das relações *demasiadamente* humanas capitalista, matemática e racionalmente produzidas, fetichizadas em "relações do Capital" (como se o Capital – e o Trabalho – pairasse acima de nossas cabeças como uma "superestrutura" sobre uma "infra-estrutura"! "*Desculpe, a franqueza não é fraqueza: o marxismo seja louvado, mas há muita coisa escondida nestes silêncios africanos. Por baixo da base material do mundo devem de existir forças artesanais que não estão à mão de serem pensadas...*" [em Couto, 2005, p. 74]).

A metrificação do espaço é correspondente, portanto, à quantificação das relações humanas: "Quanto vale ou é por quilo?" (2005). As "relações capitalistas" são essas mesmas relações feitas corpos e mentes que agem e pensam capitalisticamente. Assim, se "tempo é dinheiro", é porque o espaço é dinheiro, as gentes são dinheiro... com todo o risco de uma

sempre super desvalorização *cambial*, que é, ela mesma, uma desvalorização de nossas *relações de troca*. Negociar: eis *o verbo que se fez carne e habitou entre nós*. Se negociamos tudo é porque também negociamos a vida: tudo é negócio. O Mercado, mais que *apenas* assumir o Centro, tomou de assalto *a condição nossa*, *humana* (cf. Arendt, 2000).

E para que nada fique de fora do espaço capitalista, como *modo de produção espacial* para o Capital, o Estado-nação Moderno funciona como um grande, senão o maior, "panóptico" do Grande Olho.

Nicos Poulantzas (1990, p. 118-123) apresenta nos termos seguintes o que define por "matriz espacial capitalista":

> [...] um espaço *serial, fracionado, descontínuo, parcelário, celular e irreversível*... [...]
> O espaço moderno nasce: um espaço no qual desloca-se infinitamente ao se transpor as separações, em que cada lugar se define por seu isolamento dos outros, espaço sobre o qual expande-se ao assimilar-se novos segmentos que ele homogeneíza deslocando as fronteiras. [...]
> [...] o Estado tende a monopolizar os procedimentos de organização do espaço. O Estado moderno materializa nesses aparelhos (exército, escola, burocracia centralizada, prisões) esta matriz espacial. Ela adapta por sua vez os sujeitos sobre os quais exerce seu poder: a individualização do corpo político em monadas idênticas, porém separadas diante do Estado, releva da ossatura do Estado inscrita na matriz espacial implicada pelo processo de trabalho. Os indivíduos modernos são os componentes do Estado-nação moderno: o povo-nação do Estado capitalista é o ponto de convergência de um espaço cujas fronteiras são os contornos pertinentes das tomadas de poder materiais e de seus sustentáculos. [...]
> Separar e dividir para unificar, fracionar para enquadrar, celularizar para englobar, segmentar para totalizar, estabelecer balizas para homogeneizar, individualizar para suprimir as alteridades e as diferenças, as raízes do totalitarismo estão inscritas na matriz espacial materializada pelo Estado-nação moderno, já presente nas suas relações de produção e na divisão social capitalista do trabalho.

E assim se cartografa a vida em suas mais triviais relações. E nos fazemos e nos imaginamos enquadrados, hoje, *primeiro*, pelas geometrias de poder tempo-espaço da globalização, e, *segundoterceiroquarto...* pelas geometrias de poder sobre o corpo ao *adequá-lo* às roupas da moda, e não a moda ao corpo. Uma Moda de Produção. Um Modo de Produção. *Um jeito de ser... moderno*. Em "Babel", Amélia, em corpo mestiço, índio e mexicano, é "não-moda" e "sem-modo" quando fala: seu inglês travestido de espanhol denuncia sua *condição* de estrangeiridade em terra da Estátua da Liberdade. Também em "Babel", a menina Chieko, em Tóquio, ao não falar e ouvir devido à mudez-surdez se faz mundo quando se despe diante dos meninos da paquera, do policial preocupado e do pai viúvo pelo suicídio da mulher. Amélia e Chieko: voz, mudez, surdez e nudez participando de um Mundo de paradoxos assombrosos: *se falo,* prisão; *se calo*, solidão... *Seres modernos*.

A Modernidade: de Sacrobosco a Newton e *de Newton a*... "Esses são os nomes pelos quais chamamos os milhões de homens e mulheres que foram mudando a maneira de viver, sufocando velhos desejos em nome do desejo de modernidade, em nome do progresso, em nome de uma promessa que os mapas T-O escondiam: o caminho de um paraíso, geometricamente traçado e, portanto, materialmente conquistável" (D. Santos, 2002, p. 78).

Ao reinventarmos o espaço e o tempo, re-imaginamos o Mundo enquadrando *tortuosidades humanas* e *curvas planetárias* em linhas retas (*como um Deus a escrever por linhas tortas*).

> Desde a invenção do cronômetro, em 1761, por John Harrison, que permitiu o cálculo exato das longitudes, a superfície curva de todo o planeta havia sido submetida a uma grade geométrica que enquadrava os mares vazios e as regiões inexploradas dentro de quadriculados medidos com precisão. A tarefa de, por assim dizer, "preencher" esses quadriculados ficava a cargo de exploradores, topógrafos e soldados. No Sudeste Asiático, a segunda metade do século XIX foi a idade de ouro dos topógrafos militares-coloniais e, pouco depois, tailandeses. Eles se mobilizaram para deixar o espaço sob a mesma vigilância que os recenseadores tentavam impor às pessoas. Triangulação por triangulação, guerra por guerra, tratado por tratado, assim avançava o alinhamento entre o mapa e o poder (Anderson, 2008, p. 239).

No entanto, os desejos da cartografia colonialista muito longe andavam das cartografias do desejo, daquele desejo de "desmapear-se" para longe dos mapas do poder. Pois,

mapear significava também, de alguma forma, "desmapear" as gentes de seus desejos em terras pertencidas, em comidas conhecidas, em festas de abraçar os tempos e em danças de driblar os "maus olhados". Cartografar: uma forma de olhar.

É preciso "deslimitar" o olhar para "deslimitar" o Espaço. E "descartografar" os Territórios de Poder, *cartografando territórios da autonomia* e *territórios alternativos* (em aproximação a Souza [2007] e Haesbaert [2002]).

Em espaços "heterotópicos" *reais* e *virtuais*[5], ou "vice-versamente" (cf. Couto, 2005, p. 96). Em territórios de *bocas que não falem sós*, mas que *falem línguas* compreendidas como *línguas tocantes* logo a seguir a um *piscar de olhos*.

> *– Sabe, filho? A boca nunca fala sozinha. Talvez na terra desse branco. Mas aqui não.[...]*
> *– Aprenda uma coisa, filho. Na nossa terra, um homem é os outros todos.*
> (Couto, 2005, p. 140).

Territórios dos outros todos, das outras todas.

Antes que as "heteronomias" tomem conta dos mundos todos ao passo de "desviver" as gentes todas, menos um...

> [...] *relatar a realidade com que confronto: que todo este imenso país* [Tiganzara] *se eclipsou, como que por golpe de magia. Não há território, nem gente, o próprio chão se evaporou num imenso abismo. Escrevo na margem desse mundo, junto do último sobrevivente dessa nação* [de Massimo Risi, italiano, em relatório à ONU] (Couto, 2005, p. 219).

"Deslimitar" o Espaço hegemônico como a denunciar que as Certezas de Agora não passam de apenas certezas. E que o que É, Como É e Onde É são relações completamente inacabadas... Como um cágado.

> [O cágado] É cheio de vestígios do começo do mundo, por isso nos parece inacabado. Mas quando metade da terra estava por decidir se seria de pedra ou de água – já estava decidida a sua desforma. E quando ainda ninguém ousava de prever se o inseto nasceria de uma planta ou de uma larva – já ele estava deformado e pronto. O cágado é pois uma coisa sem margens; feio por igual; feio sem defeito (Barros, 2007, p. 50).

Se o cágado é "desmargeado", porque os outros espaços todos não podem sê-lo?

"DESIMAGINANDO" E "DESMARGEANDO" GENTES E ESPAÇOS "INVISÍVEIS"

> Tinha que chegar antes que ela desmundasse.
> (Mia Couto)

Imaginar o Mundo Moderno é imaginar um mundo feito margens, pedaços recortados de um espaço desigual, mas combinado. Pedaços para cada País, Povo para cada um deles. Fora disso, a invisibilidade[6] paira, prepondera e hipostazia Um Espaço, Um Tempo, Uma Sociedade, Uma Cultura, Um Mundo.

É preciso imaginar outras gentes e outros espaços; *espacializar* e *temporalizar* outros espaços e outros tempos, e outras gentes. Pois os espaços não se fazem espaços *quando habitamos neles*, mas quando *os espaços passam a habitar em nós*.

Em tempo menor que a passagem da geração de nossos avós para à de nossos filhos (talvez até bem menos que isso, pois "O mundo não muda mais de dez em dez anos, mas de ano em ano", como apontou Félix Guattari [1992, p. 159]), desabitamos uma *condição* de comunidade dada pela família ampliada para habitar a fábrica e dali para habitar a casa com a televisão e o computador e, neste, para viver em segundas vidas – *virtuais* – em

[5] Com base em Anselmo Peres Alôs (2009). Partindo de base referencial foucaultiana, o autor ressalta que "No cenário teórico contemporâneo, não seria abusivo afirmar que a internet ganha espaço como uma das mais potentes heterotopias a produzir identidade. [...] Compreender a estruturação desta heterotopia virtual possibilita compreender melhor as identidades que nela nascem e morrem. Em tempos de individualismo e consumo massivo, a velocidade das redes digitais possibilita novos arranjos de poder e novas maneiras de se contestar o *status quo* sem a necessidade de que o indivíduo saia de sua própria casa" (p. 243-244).

mundos virtuais, como em "Second Lite" ou em "World of Warcraft". ("*Virtuais*" disposta em itálico tem o seu sentido: ao pensarmos a vida e o Mundo em "dobras", já nos é difícil a separação entre o ontem, o hoje e o amanhã, entre o aqui, lá e acolá... e entre, dentre outros entres, o que imaginamos como real e como virtual.)

"Deixando" as segundas vidas de lado, mesmo que temporariamente, naveguemos por instantes em um dos sistemas de busca mais presentes em nossas tentativas de "achamento" atuais e *virtuais*, o "Google". Ali, por alguns instantes, o invadimos para trazer à mostra *gentes como a gente*. Em *busca* de algumas gentes, fomos observando as cem primeiras imagens ("Google Imagens"), como que querendo compreender como vão se dispondo as imagens, por exemplo, daquilo que a História do Brasil identificou como o "melting pot" brasileiro: a mistura de brancos, negros e índios. Assim, um tanto que meio desconfiadamente, navegamos em imagens que podem mostrar pouco e ao mesmo tempo muito, mesmo sabendo que mudam a toda hora, pois, como no Mundo Real, o *virtual* é inundado velozmente por novas imagens, nem que apenas para re-mostrar o que já estava mostrado.

Vejamos, então, os *nossos* brancos ("branco" e "brancos"), negros ("negro" e "negros") e índios ("índios"... e "caboclos")" *imaginados* no mundo das imagens "Google Imagens" (a *busca* se deu sobre as cem primeiras imagens de cada grupo).

Google Imagens

	"Branco" (683 mil)	**"Brancos" (177 mil)**	**"Negro" (4,73 mi)**	**"Negros" (566 mil)**	**"Índios" (209 mil)**	**"Caboclos" (39,6 mil)**
Pessoas	11	36	26	**51**	**70**	13
Animais	**20**	**20***	9	3	-	-
Objetos/Mercadorias	**31**	**30**	-**	-**	-	-
Imagens Abstratas	19	2	12	3	-	-
Paisagens	8	-	**22*****	7	-	3*****
Quadrinhos/Piadas	2	1	7	2	-	-
Conflitos étnicos	-	2	-	-	-	-
"Uniões" branco/negro	-	1	7	8	-	-
Doenças/dramas	-	-	4		-	-
Pênis/Sexo-sensual	-	-	**1******	**2*******		-
Imagem "antiga" ("história")	-	-	-	**14**	**10**	-
Racismo	-	-	-	1		-
Desenhos/Lendas/ Imagens/Folclore	-	-	-	-	**10**	**74**
Violência "do índio"	-	-	-	-	3	-
Protesto indígena	-	-	-	-	**1**	-
Outros	9	8	12	9	6	10

(http://www.google.com.br/images (acessado em 10 e 11/04/2010)
* Gatos, tigres, cavalos, leões...
** Para "preto": 65% para imagens abstratas e objetos/mercadorias.
*** 14 "buracos negros".
**** Casas de palha.
***** Para "mulatos": 19% para sensual-sexual.

As imagens destacadas para "branco" e "brancos" mostram um considerável número de imagens que classificamos por "animais" e "objetos/mercadorias" (20% e 30,5%, respectivamente).

Para o primeiro grupo ("animais"), é elucidativa a mostra de imagens de animais brancos e, em muitos casos, de pequenos animais (gatinhos, cachorrinhos, passarinhos...).

[6] Da *invisibilidade pública*: "desaparecimento intersubjetivo de um homem no meio de outros homens", expressão de dois fenômenos psicossociais, a *humilhação social* e a *reificação*. A *humilhação social* "É expressão da desigualdade política, indicando exclusão intersubjetiva de uma classe inteira de homens do âmbito público da *iniciativa* e da *palavra*, do âmbito da *ação fundadora* e do *diálogo*, do *governo da cidade* e do *governo do trabalho*". A *reificação* "configura-se como processo pelo qual, nas sociedades industriais [mas também pós-industriais], o valor (do que quer que seja: pessoas, relações inter-humanas, objetos, instituições) vem apresentar-se à consciência dos homens como valor sobretudo econômico, *valor de troca*: tudo passa a contar, primeiramente, como mercadoria" (Costa, 2004, p. 63-64).

Talvez trivial, porém, a *brancura* nos (a)parece bastante associada às coisas puras, à docilidade, à inocência e à luz...

"Brancos"



(http://inusitatus.blogtv.uol.com.br/img...)

Semelhante leitura podemos fazer em relação às imagens "objetos/mercadorias", que, se apenas em "branco" e "brancos" elas aparecem, é porque também a relação é íntima entre "Mundo Branco" e "Mundo do Mercado". (Como todas as ressalvas possíveis, mas podemos dizer que para cada "raça" existem os seus "objetos/mercadorias", na medida em que "O sistema mundo moderno-colonial, e sua Geografia, se conformou por meio da discriminação racial" [Porto-Gonçalves, 2007, p. 11], ao mesmo tempo em que a idéia de "raça" participa da "base da divisão mundial do trabalho e do intercâmbio, e na classificação social e geocultural da população mundial" [Quíjano, 2007, p. 49], também tende a se construir uma participação desigual das "raças" em uma *divisão mundial do consumo*.)

"Brancos"



(pt.dreamstime.com/fotografia-de-stock-royalty...)

Para "negro" ou "negros", os "animais" e os "objetos/mercadorias" praticamente desaparecem. Chamou-nos a atenção, por outro lado, além do maior número de imagens que

relacionamos à "pessoa", o expressivo número de imagens em "paisagens", com catorze "buracos negros", quatro imagens de "doenças/dramas", três de "pênis/sexo-sensual" (aumentando consideravelmente se *buscamos* imagens para "mulatos"), e catorze imagens para "imagem 'antiga' ('história')".

Se são negros os buracos, é *natural* que sejam "buracos negros"...

Mas, se em "branco" e "brancos" não apareceu nenhuma imagem relacionada ao que classificamos como "doenças/dramas", na busca de "negro" e "negros" elas começam a aparecer. Uma, em especial, foi ao mesmo tempo marcante e chocante.

"Negro"



(http://ci.i.uol.com.br/noticias/2009/06/mangue-negro-560-div.jpg)

E do grupo "pênis/sexo-sensual"...

"Negros"



(attambur.com/Noticias/20033t/negros_de_luz.htm)

Entendemos que (como também observaremos em relação aos grupos "índios" e "caboclos") se a Modernidade elegeu o Futuro, a Evolução, o Progresso, o Desenvolvimento e a

Modernização como seus substantivos mais ricos, seria de se supor que "negro" e "negros" aparecessem expressivamente em "imagem 'antiga' ('história')" (com catorze imagens contra nenhuma para essa classificação em "branco" e "brancos")...

A volta a Frantz Fanon (2008 [1952], p. 160 e 138) é inevitável:

> O negro, o obscuro, a sombra, as trevas, a noite, os labirintos da terra, as profundezas abissais [os "buracos negros"], enegrecer a reputação de alguém; e, do outro lado: o olhar claro da inocência, a pomba branca da paz, a luz feérica, paradisíaca. [...]
> Diante do negro, com efeito, tudo se passa no plano genital. [...] eles têm a potência sexual. Pensem bem, com a liberdade que têm em plena selva! ["imagem 'antiga' ('história')"] Parece que dormem em qualquer lugar e a qualquer momento. Eles são genitais.

Com a "liberdade sexual", talvez tenhamos *deixado de lado* nossas fantasias e "desfantasias" sexuais imputando a um Outro a condição de "genitais". Talvez, com o desenfreado "retorno" à Natureza e ao seu endeusamento ancorado por práticas discursivas ambientalistas, Ela, a Natureza, agora é espiada, visitada e inundada pelo nosso prazer civilizacional de *Viver a Natureza* como o "paraíso perdido", fazendo-nos mulheres e homens azul-esverdeados como os Navi, em "Avatar".

Assim, de possa do Sexo e da Natureza, e sempre tendo à frente o Futuro do Mundo do Corpo e do Corpo do Mundo, perfeitos, harmônicos e "hormônicos", atribuímos a outros não mais a *condição* de "perversão sexual" ou de "estado de selvageria", mas de *seres históricos*, ou melhor, de gentes que ficaram na História e de *lá* não saíram. A clarividência do "Google Imagens" em "índios" (e também em "caboclos"), de *trazê-los* para a História (para um Passado o quanto mais distante, melhor), é expressiva e elucidativa. Se para a classificação "Imagem 'antiga'('história')", "índios" aparecem dez vezes, para "Desenhos/Lendas/Imagens/Folclore", os "caboclos" são *imaginados* setenta e quatro vezes (o número de setenta imagens para "pessoas", para o grupo "índios", também não é exceção à regra...).

Os índios, as crianças e a Infância.

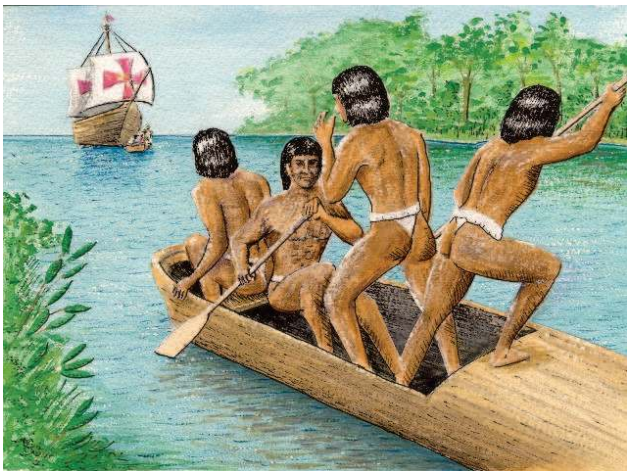
"Índios"



(http://www.fmc.am.gov.br/port/Fotos_am/Imagens/indios.jpg)

A caravela, os índios e *tapando as suas vergonhas*.

"Índios"



(http://www.grupoescolar.com/a/b/41B48.jpg)

Os "caboclos", o Velho...

"Caboclos"



(http://www.doutorbasilio.com.br/userimages/caboclos-de-umbanda.jpg)

E a perpetuação do Exótico.

> Há pouco tempo, viajávamos para a Europa, por exemplo, e a nós só eram dirigidas, no cotidiano dos encontros, perguntas relativas às nossas praias, ao nosso futebol, ao nosso carnaval, ao nosso candomblé e à nossa macumba. Hoje, as perguntas mudaram: só é questão dos nossos meninos de rua, da violência de nossas ruas, dos arrastões, do extermínio dos índios, da dizimação de nossas matas, da anomia de nossa sociedade. Há pouco tempo, um psicanalista francês em visita ao Brasil me dizia emotivamente: "eu não poderia dormir com todas essas crianças abandonadas nas ruas". Só pude responder devolvendo-lhe a pergunta implícita em sua observação: "como então você consegue dormir?!" (Souza, 1994, p. 194).

É nas gentes, e em seus corpos, que a reprodução da invisibilidade do outro vai se fazendo como condição para a visibilidade de corpos bem alinhados, de roupas bem costuradas e de carros do último ano com modelos *já* do ano que vem...

O corpo, essa "estratégia de acumulação" (Harvey, 2004, p. 135).

O corpo, esse "território da cultura" e "exercício da territorialidade" (Castro & Bueno, 2005, p. 10).

O corpo, esta "*mímesis*", esta "intangibilidade", esta "integralidade", este "fragmento" (Takahashi, 2003, p. 147).

O corpo, estas "geografias imaginativas" (Greiner, 2005, p. 104).

"Não existem coisas nem espíritos, só existem corpos..." (Deleuze, 1987, p. 91).

O corpo, em *dobras*: "A dobra do corpo sobre si mesmo é acompanhada por um desdobramento de espaços imaginários" (Guattari, 1992, p. 153).

O corpo, *dentre outros corpos*, como "um projeto inconcluso" (Harvey, 2004, p. 136) porque um corpo político, um corpo que (também) pode.

O corpo, estas experiências (cf. Sennett, 2008, 374)...

"Desimaginemos", pois, por um brevíssimo instante, o corpo índio Branco e "desmargeemos" o corpo índio Guarani, tirando-o da "invisibilidade" e trazendo-o ao nosso lado, como "El cuerpo que habla", nos dizeres de Mark Münzel (2009, p. 27).

O corpo Guarani que tem ele mesmo uma geografia, donde o conhecimento (séculos XVI, XVII e XVIII) sobre "os órgãos externos e as partes externas do corpo superam em quantidade às que se referem aos órgãos internos..."[7] (Chamorro, 2009, p. 150). O tempo é "outro" e hoje, parece-nos, continuamos a ver apenas a externalidade/aparência indígena, na qual os corpos ainda estigmatizados se reproduzem.

Na rua de casa, em corpos de carroças e roupas velhas.

"Tem alguma coisa pra dá?**" (Índios Guarani)**



(Foto de Jones Dari Goettert [2009] – rua do Parque Alvorada – Dourados – MS)

Em corpos de papel dependurados por cordas de "tirar o fôlego".



"**Mais um índio se suicida em Dourados**"
(sábado, 13 de março de 2010)
(Foto de Osvaldo Duarte [http://www.opantaneiro.com.br/noticias/policial/95156/mais-um-indio-se-suicida-em-dourados])

[7] Tradução livre: "[...] los órganos externos y las partes externas del cuerpo superan en cantidad a los que se referen a los órganos internos".

> Peritos da Polícia Civil de Dourados identificaram há pouco o índio que se suicidou na aldeia Jaguapiru, reserva indígena de Dourados. [...] De acordo com informações de familiares, o jovem tinha problemas com bebida e havia se separado da esposa há alguns dias (de Dourados News, do mesmo *site* da foto acima).

Mas o espaço, em *dobras*, *desdobras* e *redobras*, se mostra e se oculta simultaneamente. O corpo, *idem*. O corpo como *dobras*, tem suas *dobras* ajeitadas, desajeitadas, rejeitadas e re-ajeitadas a todo instante, em todo lugar. O corpo Guarani *se vê* pelo menos duplamente *dobrado*: *dobrado* para a interioridade de si mesmo, Guarani; e *dobrado* para a exterioridade, não-indígena.

O corpo Guarani (como espaço, como *qualquer* outro espaço), *em dobras*, é mais que a oposição como em "dedo sempre em riste" a mirar e minar o inimigo. O corpo, os espaços, os lugares, os territórios, são *agora* (como certamente sempre foram) híbridos, hibridizados e "hibridizantes", sempre em *processos de verdade* e nunca *a* verdade ela mesma pronta e acabada.

> O "verdadeiro" é sempre marcado e embasado pela ambivalência do próprio processo de emergência, pela produtividade de sentidos que constrói contra-saberes *in media res*, no ato mesmo do agonismo, no interior dos termos de uma negociação (ao invés de uma negação) de elementos oposicionais e antagonísticos (Bhabha, 1998, p. 48).

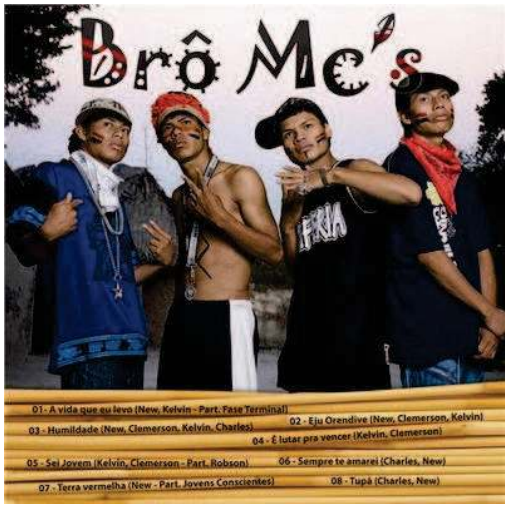
Em Dourados, para *aquém-além* do cotidiano do "Tem alguma coisa pra dá?" e dos suicídios, quatro jovens Guarani fizeram do corpo a *dobradura radical* de um *entre-lugar* entre a necessidade e o desejo de *se mostrarem* Guarani, como *alma-e-corpo*, e a possibilidade de *serem* "desinvizibilizados" em um *ritmo-e-poesia* fundado entre gentes "periféricas" da cidade e da aldeia, como *corpo-e-alma RAP*.

> Eu comecei a ouvir RAP foi mais na escola, quando a professora da cidade trouxe um CD do Fase Terminal, do Higor. A professora ajudou a fazer uma letra e eu então cantei na escola. Um dia apareceu aqui o Higor, e eu pensei que ele fosse um daqueles cantores de música REGGAE. Depois chegaram o Clemerson, o Kelvin e o Charles. Daí, formamos o "BRÔ MC's". "Brô" de Bruno, porque eu sou Bruno, mas "Brô" também de "brother", porque nós somos os *brothers* do "BRÔ MC's". Se não estivéssemos no grupo e nem cantando, certamente seríamos mais quatro índios cortadores de cana para as usinas da região. Agora somos "BRÔ MC's", e todo mundo daqui gosta, até já fizemos vários shows. Os velhos e rezadores também incentivam, porque o nosso *RAP* mistura o português com o guarani, e é uma forma de continuar assim como nós somos, índios Guarani. Meus pais no início estranharam, até com essas calças que diziam que era pra roubar melancia, de tão largas que são (em conversa com Jones Dari Goettert, em 21/05/2010).

Corpos índios viraram corpos índios-rappers. Os corpos Guarani *invadiram* o *RAP* e o *RAP invadiu* os corpos Guarani. *Dobrados*, os corpos índios-rappers "desdobram" as *dobras* do corpo, e o espaço Guarani todo é partícipe de uma "multi/transterritorialidade" (em aproximação a Rogério Haesbaert [2004; 2009]), sendo cada vez mais complexa precisar o limite entre índio e rapper, entre *interioridade* e *exterioridade*.

"Deslimitado", o espaço "BRÔ MC's" vira batida, letra, canto, *break* e CD a partir da socialização de tecnologia desenvolvida pela grupo Fase Terminal, e disseminada também através de oficinas desenvolvidas pela Central Única das Favelas – CUFA – de Dourados.

"BRÔ MC's"



(Capa do CD [http://cufadouradosms.blogspot.com/] – em 20 de maio de 2010)

> Eles vivem na segunda maior reserva indígena do país, cantam rap misturando guarani e português, uma inusitada mistura que soa diferente aos ouvidos num primeiro momento, mas logo depois você se acostuma e fica bem interessante essa mistura genuinamente brasileira. [...] Estou falando do grupo Brô, um grupo de jovens indígenas. Eles Vivem na Aldeia Jaguapiru, em Dourados – MS. A Reserva possui hoje mais de 30 mil habitantes e esses jovens, através das oficinas de hip hop ministradas pelo MC Higor Marcelo, do grupo Fase Terminal, se identificaram com as letras de protesto do rap nacional e decidiram criar seu próprio estilo com composições em português e em sua língua nativa. [...] No começo era só mais uma lição das aulas, mas depois que viu as letras, Higor decidiu que o rap dos meninos não poderia ficar confinado àquela aldeia, ele tinha que ganhar o mundo e foi assim que surgiu o projeto do primeiro cd de um grupo de rap indígena do Brasil. [...] Em dezembro [2009] foi o lançamento do cd, no festival Conexão Hip Hop, realizado pela CUFA Dourados e os meninos, minutos antes de subir no palco, estavam apreensivos, ansiosos, com medo até de esquecer a letra, mas segundo eles, foi só subir no palco que tudo passou, foram muito aplaudidos pelo público local e no fim todo mundo queria saber de onde vinham aquelas palavras incompreensíveis aos nossos ouvidos, eles só diziam "é a língua verdadeira do Brasil". [...] Hoje as poucas cópias feitas de maneira artesanal já andam pela cidade de Dourados e alguns lugares do país, instigando e encantando aqueles que curtem o rap e também por aqueles que se interessaram por esse modo novo de cantar a realidade de onde eles vivem, o amor, o protesto (do mesmo *site* da foto acima).

"Desmargeando-se"...

... de onde vinham aquelas palavras incompreensíveis aos nossos ouvidos...

"Desmargeando" as margens, "desdesdobrando" as *dobras*

O corpo como *dobra*. O corpo que *dobra*. O corpo índio *dobrado break*. O *RAP* "corporeando" o corpo Guarani.

> O relato "BRÔ MC's" é o relato do mundo. De que lugar fala? Da aldeia para o mundo, do mundo para a aldeia, da aldeia para Dourados, de Dourados para a aldeia... De que lugar fala o "BRÔ MC's"? Das margens do mundo, e como de margens o mundo é feito, fala, Mano, do mundo (Higor Marcelo Lobo Vieira – grupo *RAP* Fase Terminal – Dourados [27/05/2010, durante II Semana dos Geógrafos e III Expogeo – UFGD]).

Fala o mundo. Fala para o Mundo e para os mundos, para fora e para dentro dele, deles... O corpo que se *dobra*, *desdobra* e *redobra* para *fora de si* e *para si mesmo*. Para o mundo e para aldeia. Da escala do corpo à escala global.

Um corpo "nômade": "[...] o [nômade é] homem da terra, o homem da

desterritorialização – ainda que ele seja também aquele que não se move, que permanece agarrado ao meio, deserto ou estepe" (Deleuze, 1977, p. 162).

"Desterritorializado" ou *territorializado em mais de um lugar, em mais de um tempo*? Como corpo participante de *modos de subjetivação* (que também se fazem em *modos de objetivação*), a *condição* de "multiterritorialidade"/"transterritorialidade" é a simultaneidade sempre inconclusa dos processos de territorialização-desterritorialização-reterritorialização (a partir de Haesbaert [1997; 2004]).

> É toda uma geografia do pensamento que se coloca em movimento e o nômade é aquele que, mesmo sem sair do lugar, foge para todos os lados, para não se deixar capturar pelas armadilhas do instituído. [...]
> A dobra deleuziana é a curvatura ou a inflexão destas linhas [temporais e espaciais] infinitamente móveis que percorrem o plano da imanência cuja superfície é povoada por singularidades anônimas e nômades. A dobra exprime a desaceleração deste movimento infinito, produzindo a convergência das singularidades em um dado momento, criando assim um dentro que é coextensivo a um fora, e que é a condição para que um mundo comece. A dobra é, portanto, a expressão de um mundo possível. Este mundo possível não corresponde ao melhor dos mundos, segundo a forma leibniziana, mas significa que o mundo mesmo é acontecimento, é produção contínua do absolutamente novo. Partir do mundo, da série infinita que é o mundo, implica traçar um plano de imanência – cujo pressuposto é a multiplicidade – e inventar um personagem conceitual – o nômade – que possa habitar esta multiplicidade e montar sua tenda em qualquer lugar (Silva, 2004).

Mas "deixemos", por aqui, as *dobras* deleuzianas...

Pensamos que Milton Santos (2002), em "o espaço é a acumulação desigual de tempos", já indicava o espaço como *dobras*, em certa *dialética das dobraduras*. Os tempos se acumulam em *dobras* de espaço, ao passo que o próprio espaço também se acumula em *dobras* no tempo. Porém, como *dobras*, o espaço é ele mesmo tempo como um "nômade" entre-lugar, pressupondo, assim, a quebra da dicotomia espaço/tempo. E como "acumulação desigual de tempos", o espaço como *dobras* é processo indefinido a cada novo rearranjo espacial, pois cada movimento a *dobra* dobra tudo o resto.

E "Pelo espaço", também pensamos que Doreen Massey (2008, p. 28), em "o espaço como uma simultaneidade de estórias-até-agora", apresenta um modo de compreender o espaço como *dobras*. (Mas não estamos querendo dizer, nem para Doreen Massey e nem para Milton Santos, que haja neles uma filiação deleuziana...) As "estórias" como *dobras* em simultaneidade, que podem ser entendidas como os tempos desigualmente acumulados. Em cada momento, as *dobras* (tempos, estórias) se rearranjam, produzindo novas/outras *acumulações desiguais de tempos*, produzindo novas/outras *simultaneidades de estórias-até-agora*.

*

É preciso "transfazer" os verbos hegemônicos (ou dominantes). Menos que negá-los, talvez o importante seja metamorfoseá-los em movimentos nunca lineares, sempre dialéticos, "dialetizados" e "dialetizantes". "Desprogredir" em vez de progredir. "Desevoluir" em vez de evoluir. "Desdesenvolver" em vez de desenvolver, "Desmodernizar" em vez de modernizar... Porque a questão é mais que não-desenvolver, mas "desdesenvolver" imaginando e fazendo um novo envolvimento, em misturas de tempos e em misturas de espaços... "Desimaginar" o Mundo. As margens/dobras do "desmundo". Tomarmos, para nós, a *condição humana*...

Em "Babel", Chieko *reencontra* o pai.

Em "Livro de pré-coisas", Bernardo "aplaina as águas".

Em "Terra vermelha", a terra reencontra Guarani.

Em "O deus das pequenas coisas", os gêmeos Rahel e Estha se reencontram como "estranhos que haviam se encontrado por acaso", mas que já "se conheciam antes da Vida começar".

Em "Caché", Pierrot e o filho de Majid se encontram marcando um novo encontro.

Em "O último voo do flamingo", os ossos de Sulplício reencontram o corpo "na margem de um infinito buraco".

"Desimaginar" o Mundo. Imaginar os mundos...

Um encontro entre Sulplício e o grupo "Brô", entre Ana Deusqueira e Bernardo, entre o vespral de arraia e Temporina, entre Chieko e Pierrot, entre Rahel e o Guarani... Como espaços de simultaneidade de trajetórias de estórias-até-agora ou de (des)acumulações múltiplas de tempos.

Com "Todos os nomes", pois "[...] que o tempo, ainda que os relógios queiram convencer-nos do contrário, não é o mesmo para toda a gente" (Saramago, 1997, p. 47).

... Nem o espaço.

"Babel"
(um abraço)



(Fotograma [2h15min08s])

Apêndice

Terra vermelha. Dourados, Mato Grosso do Sul, Brasil. Depois de (mais) dois suicídios de jovens Guarani, o cacique Nádio e seu grupo resolvem ocupar terras de um antigo Tekoha. Por entre conflitos, tensões e negociações, o grupo sofre uma emboscada e Nádio é morto. É a vitória do fazendeiro?

Babel. Marrocos, Estados Unidos/México e Japão. Um incidente na África se desdobra, desigualmente, para vidas e gentes de perto e de longe. Fronteiras formais, étnico-culturais e corporal-subjetivas se adensam em pequenos/grandes dramas humanos.

Caché. França. Georges e a esposa Anne recebem fitas de vídeo com imagens feitas em frente de casa; depois, junto a desenhos estranhos. Quem enviava? Pouco a pouco, um espaço oculto de Georges vai tomando o centro ao (des)invibilizar o argelino Majid.

O último voo do flamingo. Tizangara. De um lugar fictício moçambicano-africano, soldados da ONU explodem, só restando intacto e visível o pênis. Um italiano detetive é deslocado para investigar as causas, mas a comunicação entre Mundo Colonizador e os mundos de Sulplício, Ana Deusqueira, Zeca Andorinha e Temporina parecem impossíveis.

Livro de pré-coisas. O Pantanal "deslimitado". Mundos em "transfazimento" são o próprio Pantanal se fazendo, desfazendo e refazendo. Ali, águas, bichos e árvores viram gente, e gentes viram tudo outra vez em um espaço "mundofágico".

O deus das pequenas coisas. Ayemenem, Índia. Irmã e irmão gêmeos nascem e vivem os primeiros anos como Nós, em identidades juntas. Separados, vivem os seus Eus. Agora, mais de vinte anos depois, voltam e se reencontram em mundos indianos marcados pelas tradições e por estrangeiridades, que mais se excluem que se aproximam.

Bibliografia

ALÔS, Anselmo Peres. Heterotopias do desassossego: literatura e subversão sexual na América Latina. Revista *Cerrados*. N. 27. Literatura: trânsitos e desassossego. Brasília: PPGLiteratura/UnB, 2009, p. 231-249.

ANDERSON, Benedict. *Comunidades imaginadas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

ARENDT Hannah. *A condição humana*. 10 ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2000.

BACHELARD, Gaston. *A poética do espaço*. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

BHABHA, Homi K. *O local da cultura*. Belo Horizonte: EdUFMG, 1998.

BOSI, Alfredo. *A dialética da colonização*. 3 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

COSTA, Fernando Braga da. *Homens invisíveis: relatos de uma humilhação social*. São Paulo: Globo, 2004.

CASTRO, Maria Lucia & CASTRO, Ana Lúcia de (Orgs.). *Corpo, território da cultura*. São Paulo: Annablume, 2005.

CHAMORRO, Graciela. *Decir el cuerpo*. Assunção: Editorial Tiempo de História; Fondec, 2009.

CHAUI, Marilena. *Mito fundador e sociedade autoritária*. São Paulo: Perseu Abramo, 2000.

DELEUZE, Gilles. *Proust e os signos*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1987.

DERRIDA, Jacques. *Gramatologia*. 2 ed. São Paulo: Perspectiva, 2004.

ELIAS, Norbert e SCOTSON, John L. *Os estabelecidos e os outsiders*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 2000.

ELIAS, Norbert. *O processo civilizador*. V. 1. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1994

ELIAS, Norbert. *O processo civilizador*. V. 2. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1993.

FANON, Frantz. *Pele Negra, Máscaras Brancas*. Salvador: Editora UFBA, 2008.

FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. 12 ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1996.

FOUCAULT, Michel. *Segurança, território, população*. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

FOUCAULT, Michel. *Vigiar e punir*. 35 ed. Petrópolis: Vozes, 2008.

GREINER, Christine. *O corpo*. 2 ed. São Paulo: Annablume, 2005.

GUATTARI, Félix & ROLNIK, Suely. *Micropolítica: cartografias do desejo*. Petrópolis: Vozes, 2005.

GUATTARI, Félix. *Caosmose*. São Paulo: Ed. 34, 1992.

HAESBAERT, Rogério. *Des-territorialização e identidade*: a rede "gaúcha" no nordeste. Niterói: EdUFF, 1997.

HAESBAERT, Rogério. *O mito da desterritorialização*: do "fim dos territórios" à multiterritorialidade. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.

HAESBAERT, Rogério. *Territórios alternativos*. Niterói: EdUFF; São Paulo: Contexto, 2002.

HAESBAERT, Rogério. *Vivendo no limite*: dilemas do hibridismo e da multi/transterritorialidade. Niterói: UFF, 2009, 21 p. (Digitado).

HARVEY, David. *Espaços de esperança*. São Paulo: Edições Loyola, 2004.

HOBSBAWM, Eric J. Introdução: a invenção das tradições. In: HOBSBAWM, E. J. & RANGER, T. *A invenção das tradições*. 2 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, p. 9-23, 1997.

KARL, Marx. *O capital*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1975.

LA BOÉTIE, Etienne de. *Discurso da servidão voluntária*. 2 ed. São Paulo: Brasiliense, 1982.

MASSEY, Doreen. Imaginando a globalização: geometrias de poder de tempo-espaço. *Revista Expressões Geográficas*. Florianópolis: n. 3, 2007, p. 142-155.

MASSEY, Doreen. *Pelo espaço*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008.

MOREIRA, Ruy. *Para onde vai o pensamento geográfico?* São Paulo: Contexto, 2006.

MÜNZEL, Mark. El cuerpo que habla (Prefácio II). In: CHAMORRO, Graciela. *Decir el cuerpo*. Assunção: Editorial Tiempo de História; Fondec, 2009, p. 25-27.

NIETZSCHE, Friedrich. *Assim falou Zaratustra*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1995.

PORTO-GONÇALVES, Carlos Walter. A Geografia do sistema mundo moderno-colonial numa perspectiva subalterna (Prefácio). In: SANTOS, Renato Emerson dos. *Diversidade, espaço e relações sociais: o negro na Geografia do Brasil*. Belo Horizonte: Autêntica, 2007, p. 7-11.

POULANTZAS, Nicos. *O Estado, o poder, o socialismo*. 3 ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1990.

QUIJANO, Aníbal. O que é essa tal de raça? In: SANTOS, Renato Emerson dos. *Diversidade, espaço e relações sociais: o negro na Geografia do Brasil*. Belo Horizonte: Autêntica, 2007, p. 43-51.

SAID, Edward W. *Orientalismo*: o Oriente como invenção do Ocidente. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

SANTOS, Douglas. *A reinvenção do espaço*. São Paulo: EdUNESP, 2002.

SANTOS, Milton. *A natureza do espaço*. 4 ed. São Paulo: EdUSP, 2004.

SANTOS, Milton. *Por uma geografia nova*. São Paulo: EdUSP, 2002.

SENNETT, Richard. *Carne e pedra*. Rio de Janeiro: BestBolso, 2008.

SILVA, Rosane Neves da. A dobra deleuziana: políticas de subjetivação. *Fractal*. Revista de Psicologia. Niterói: UFF, 2004.

SOUZA, Marcelo José Lopes de. O território: sobre espaço e poder, autonomia e desenvolvimento. In: CASTRO, I. E. de; GOMES, P. C. da C.; CORRÊA, R. L. (Orgs). *Geografia: conceitos e temas*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007, p. 77-116.

SOUZA, Octavio. *Fantasia de Brasil*. São Paulo: Escuta, 1994.

TAKAHASHI, Jo. Dimensões do corpo contemporâneo. In: GREINER, Christine & AMORIM, Claudia (Orgs.). *Leituras do corpo*. São Paulo: Annablume, 2003.

WEBER, Max. *A ética protestante e o espírito do capitalismo*. São Paulo: Martin Claret, 2002.

REFERÊNCIAS LITERÁRIAS

COUTO, Mia. *O último voo do Flamingo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

BARROS, Manoel. *Livro de pré-coisas*. 5 ed. Rio de Janeiro: Record, 2007.

KAFKA, Franz. *A metamorfose*. São Paulo: Editora Nova Cultural, 2003.

ROY, Arundhati. *O deus das pequenas coisas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

SARAMAGO, José. *Todos os nomes*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

SARAMAGO, José. *O evangelho segundo Jesus Cristo*. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

REFERÊNCIAS FÍLMICAS

Avatar. James Cameron. Estados Unidos. 2009.

Babel. Alejandro González Iñárritu. França / Estados Unidos / México. 2006.

Caché. Michael Haneke. França. 2005.

Terra vermelha. Marco Bechis. Brasil / Itália. 2008.

Quanto vale ou é por quilo? Patrick Leblanc e Luís Alberto Pereira. Brasil. 2005.

REFERÊNCIAS MUSICAIS

"Epitáfio". Sérgio Britto [2001]. **Titãs - MTV ao vivo**. Sony/BMG. 2005.

"Iolanda". Pablo Milanês & Chico Buarque [1983]. **Pablo Milanês – ao vivo no Brasil**. PolyGran. 1983.